

Introdução

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados

A Caixa Geral de Depósitos (CGD) foi criada em 1876 (Carta de Lei de 10 de abril) e é, hoje em dia, a par do Montepio e do Banco de Portugal, uma das instituições financeiras mais antigas do País. Foi sempre uma instituição de referência no sistema bancário nacional, facto que não será alheio à natureza pública do seu proprietário.

Até 1969, a CGD era um serviço público e como tal estava sujeita às mesmas regras dos serviços da administração direta do Estado. Foi há 50 anos que passou a ter um estatuto empresarial. Em 1993 foi transformada em sociedade anónima (Decreto-Lei nº 287/93, de 20 de agosto), **passando desde então a reger-se pelas mesmas normas das empresas privadas intervenientes no setor financeiro.**

É, portanto, neste contexto que deve enquadrar-se e desenvolver-se a relação entre a instituição e o seu acionista único.

Os vários responsáveis políticos pelo Ministério das Finanças, ouvidos em sede de Comissão Parlamentar de Inquérito, foram unânimes em reconhecerem o respeito que sempre tiveram por este estatuto da CGD. Um facto confirmado pelas declarações dos próprios responsáveis pela administração da instituição.

Nos últimos anos, a CGD, tal como outros bancos da nossa praça, atravessou dificuldades várias, largamente justificadas pelas consequências que a grave crise financeira global teve na atividade económica e, consequentemente, no emprego, no rendimento e na

atividade das empresas. As expectativas positivas geradas pela recuperação económica registada nos anos de 2006 e 2007 foram inesperadamente frustradas pela crise que se abateu na economia mundial, europeia e nacional. Uma crise que se prolongou, em Portugal, até finais de 2013. A mais longa de que há registo. **Foram precisos dez anos para recuperarmos o nível de produção que havíamos atingido em 2008.** Se o País tivesse mantido ao longo destes dez anos o nível de produção de 2008, teríamos tido mais 70 mil milhões de euros de rendimentos gerados na economia do que aquilo que efetivamente tivemos. Noutras palavras, **a riqueza não produzida ao longo desses dez anos representa uma perda de mais de 70 mil milhões de euros.**

As famílias e empresas, que esperavam este fluxo de riqueza para honrarem os seus compromissos financeiros, viram essa expectativa frustrada e muitos foram arrastados para situações de incumprimento. Esta perda de riqueza avolumou-se ano após ano e, à medida que se avolumava, o rácio de crédito vencido na banca foi aumentando. A correlação entre a perda acumulada de rendimento no decurso destes anos e a evolução registada no rácio de crédito vencido das empresas é da ordem dos 98%. Este é um dado factual que evidencia de forma bem eloquente o impacto da crise financeira global no crescimento do crédito malparado nos bancos portugueses, incluindo a CGD.

O nível da atividade bancária ressentiu-se, a sua rentabilidade deteriorou-se e a solidez financeira das instituições foi debilitada. Os bancos tiveram não só que repor a sua solidez financeira, mas também

reforçá-la, cumprindo as exigências acrescidas de capital impostas pelo regulador. Foi necessário injetar um volume de capital considerável nos bancos num período em que a sua atividade não teve condições para gerar nem atrair capital. Daí a necessidade de recurso a fundos públicos.

A CGD não foi exceção. De acordo com a Global Finance, em 2008, a CGD estava entre os 50 bancos mais seguros do mundo. Mais precisamente em 36º lugar. Apesar disso, como todos os bancos, a Caixa também sofreu os efeitos da maior crise financeira global dos últimos 90 anos. Graças à intervenção do seu acionista, a CGD dispõe hoje em dia de uma sólida base de capital e são já visíveis os sinais de recuperação da sua atividade e de melhoria da sua rendibilidade. A solidez e estabilidade desta instituição são decisivos para a solidez e estabilidade do sistema bancário e financeiro português como um todo. Importa, por isso, assegurar um ambiente que permita à CGD prosseguir no caminho já encetado para que continue a ser a referência e o pilar de estabilidade que sempre foi.

Estou à disposição de V.Exas para, de forma objetiva e factual, responder às questões que queiram colocar.